

# RECENSÃO DE *A VIAGEM DO ELEFANTE*<sup>280</sup> DE JOSÉ SARAMAGO

Dalila Lopes

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Instituto Politécnico do Porto

Portugal

dalop@iscap.ipp.pt

Em entrevista concedida a Mário Crespo na SIC Notícias após o lançamento de *A Viagem do Elefante*, José Saramago considerou este seu último romance como o mais bem-humorado e divertido de toda a sua obra, e salientou que o tom divertido se manteve quer durante as primeiras (se não erro 40) páginas, quer durante as restantes, que só foram escritas após um interregno relativamente longo provocado por motivo de doença. José Saramago referiu ainda ter-se baseado em escassos dados históricos (que não encheriam mais do que uma página A4), e ter ‘inventado’ tudo o resto.

A leitura de *A Viagem do Elefante* confirma, de facto, a afirmação de Saramago quanto ao tom divertido do romance – a que eu chamaria antes um tom de gozo, com todas as acepções que a palavra ‘gozo’ possa ter -, embora se detecte que esse tom esmorece um pouco após as tais primeiras páginas, o que não invalida a afirmação de que estamos provavelmente perante o romance mais divertido de toda a sua obra. Assim, em *A Viagem do Elefante*, conjuga-se, pela primeira vez, um certo tom de gozo com o inegável carácter sentencioso patente em toda a obra de José Saramago. E não é preciso andar à cata de exemplos para o demonstrar. Essa conjugação perpassa todo o romance, e é particularmente notória quando Saramago fala sobre os que detêm (ou julgam deter) algum poder, sejam eles indivíduos,

---

<sup>280</sup> Saramago, José (2008) 6ª edição, *A Viagem do Elefante*, Lisboa: Caminho.

*[...] o estribeiro-mor, à frente da sua escolta, [...] entrou na antecâmara que pressurosamente acorreu a indicar-lhe o lacaio-mor, título que, melhor é que o confessemos já, não sabemos se existiu naquele tempo, mas que nos pareceu adequado pela composição do olor corporal, um misto de presunção e falsa humildade, que em volutas se desprendia da personagem (p.27);*

classes sociais, como, por exemplo, a monarquia,

*A última palavra [da rainha] mal se percebeu, como se o choro, subitamente, tivesse constrangido a real garganta. Um rainha a chorar é um espectáculo de que, por decência, todos estamos obrigados a desviar os olhos (pp.31-32);*

nacionalidades,

*Um austríaco, mesmo que pertença às classes baixas, não é uma pessoa como qualquer outra, sempre há-de saber tudo o que haja para saber (p.252)*

*Aqui, em viena de áustria<sup>281</sup>, cultiva-se a disciplina e a ordem, há algo de teutónico nesta educação, como o futuro se encarregará de explicar melhor (p.253);*

e, necessariamente, religiões,

*Esse é o grande equívoco do céu, como a ele nada é impossível, imagina que os homens, feitos, segundo se diz, à imagem e semelhança do seu poderoso inquilino, gozam do mesmo*

---

<sup>281</sup> Neste romance, tal como em *As Intermittências da Morte*, José Saramago optou por escrever todos os nomes próprios com letra minúscula.

*privilégio* (p.69).

Propositadamente nada revelarei nesta recensão sobre o enredo de *A Viagem do Elefante*, o tal enredo que Saramago teve que ‘inventar’ a partir dos escassos dados históricos sobre um acontecimento de meados do século XVI, nem discutirei se estamos ou não perante um romance histórico. Entre a narrativa da História e a narrativa da ficção as fronteiras são por vezes muito ténues; por isso, prefiro deixar o leitor com as palavras de Saramago:

*No fundo, há que reconhecer que a história não é apenas selectiva, é também discriminatória, só colhe da vida o que lhe interessa como material socialmente tido por histórico e despreza todo o resto, precisamente onde talvez poderia ser encontrada a verdadeira explicação dos factos, das coisas, da pura realidade. Em verdade vos direi, em verdade vos digo que mais vale ser romancista, ficcionista, mentiroso.* (p.227).

Sábio, sentencioso e divertido. É Saramago no seu melhor.